



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2228 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 12 - Currículo

CINECLUBES COM ESTUDANTES E PROFESSORES: UMA POSSIBILIDADE DE COMPOSIÇÃO CURRICULAR  
Nathan Moretto Guzzo Fernandes - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

O presente artigo apresenta desdobramentos de movimentos de pesquisa com cineclubes realizados nos *espaçotempos* de uma escola pública, tecidos com estudantes e professores, diferentes personagens que embarcam nas conversações provocadas pelos filmes exibidos. Carvalho e Silva (2015) são intercessores para ajudar a pensar a composição curricular com cineclubes. Inspirando-se em Deleuze, buscou-se problematizar os atravessamentos e as experiências que vibram no cotidiano escolar, desestabilizando clichês. As “narrativas” produzidas, os “sons” e “imagens” dos curtas-metragens exibidos nesses *espaçotempos* são tidos como “personagens conceituais”, conceito tratado por Deleuze e Guattari (1992). Como metodologias de pesquisa, foram utilizadas as redes de conversação como força micropolítica para disparar as narrativas, apoiados nas ideias de Carvalho (2009) e a cartografia para acompanhar os processos engendrados no cotidiano escolar a partir de Kastrup e Barros (2015). As exhibições tiveram como temática o “Dia Internacional da Mulher”. Dos curtas exibidos destacamos neste artigo os agenciamentos/rupturas reverberados a partir do curta-metragem “Dentro de casa” (direção: Diego Nunes; ano: 2016; país: Brasil; 15’).

**Palavras-chave:** Currículos. Cineclube. Cotidiano Escolar. Rupturas.

## CINECLUBES COM ESTUDANTES E PROFESSORES: UMA POSSIBILIDADE DE COMPOSIÇÃO CURRICULAR

### RESUMO

O presente artigo apresenta desdobramentos de movimentos de pesquisa com cineclubes realizados nos *espaçotempos* de uma escola pública, tecidos com estudantes e professores, diferentes personagens que embarcam nas conversações provocadas pelos filmes exibidos. Carvalho e Silva (2015) são intercessores para ajudar a pensar a composição curricular com cineclubes. Inspirando-se em Deleuze, buscou-se problematizar os atravessamentos e as experiências que vibram no cotidiano escolar, desestabilizando clichês. As “narrativas” produzidas, os “sons” e “imagens” dos curtas-metragens exibidos nesses *espaçotempos* são tidos como “personagens conceituais”, conceito tratado por Deleuze e Guattari (1992). Como metodologias de pesquisa, foram utilizadas as redes de conversação como força micropolítica para disparar as narrativas, apoiados nas ideias de Carvalho (2009) e a cartografia para acompanhar os processos engendrados no cotidiano escolar a partir de Kastrup e Barros (2015). As exhibições tiveram como temática o “Dia Internacional da Mulher”. Dos curtas exibidos destacamos neste artigo os agenciamentos/rupturas reverberados a partir do curta-metragem “Dentro de casa” (direção: Diego Nunes; ano: 2016; país: Brasil; 15’).

**Palavras-chave:** Currículos. Cineclube. Cotidiano Escolar. Rupturas.

### A FORÇA DAS IMAGENS CINEMATOGRÁFICAS NOS COTIDIANOS ESCOLARES

O cinema possui imenso potencial imagético e atravessa o cotidiano de boa parte daqueles que habitam o cotidiano escolar. Os usos de imagem fílmicas nos processos de *aprenderensinar* favorecem a composição de um olhar sobre o humano escapando dos enquadramentos massificantes e do pensamento representacional, possibilitando o deslocamento do pensamento, a ruptura com esquemas cristalizados no tempo e nos corpos, criando linhas de fuga, e a “linha de fuga é uma desterritorialização [...] só se descobre mundos a partir de uma longa fuga quebrada” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 49). Desse modo, a cada ruptura, a cada movimento de desterritorialização do pensamento, confirmamos a produção de novos sentidos aos processos de *aprenderensinar* e aos movimentos inventivos curriculares

tecidos/constituídos nos *espaçotempos* da escola.

Acreditamos nas imagens, sons e as narrativas como “personagens conceituais” conceito pensado/criado por Deleuze e Guattari para apontar que precisamos do “outro” para criar ideias, teorias, conceitos.

O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são os “heterônimos” do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.78).

Nesse sentido, apostamos na potência da criação/invenção que habita os *espaçotempos* da escola e neste artigo buscamos, portanto, abrir um canal de ex-posição de práticas inventivas que estão ou foram sendo produzidas, negociadas, agenciadas na complexidade do cotidiano escolar, evidenciando composições curriculares menos hierarquizadas, que encontram no cinema uma possibilidade de colocar pensamento em movimento, potencializando a criação de múltiplos agenciamentos, conexões por parte de professores e estudantes. Nesse processo, nos ex-pomos ao risco da experiência, como aquilo que nos passa e nos afeta, no sentido de experimentar como nos aponta Larrosa,

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (LARROSA, 2002, p. 19).

A opção de acompanhar as atividades tecidas por um cineclubes vai ao encontro de uma proposta curricular não hierárquica, não segmentar ou cartesiana, uma aposta em uma tessitura curricular autônoma e colaborativa, subversiva, intensa e intempestiva, criativa e inventiva, fecunda. E o cineclubes se constitui por sua vez nesse lugar privilegiado e potente que fala/contribui na composição desse movimento. E para acompanhar esses processos recorreremos à cartografia, tomando como referência os estudos de Kastrup e Barros (2015), onde as autoras sustentam que cartografar é acompanhar processos inventivos e de produção de subjetividade, não representar objetos.

Buscamos, assim, acompanhar e problematizar sobre os potenciais estéticos, políticos e produção de currículos inventivos com as exposições fílmicas realizadas com estudantes e professores de uma escola pública de ensino médio, com cineclubes, considerando-o *espaçotempo* privilegiado de *aprenderensinar* no cotidiano escolar. Desejando pensar as impressões de como movimentos autônomos - e de re-existências - de estudantes e professores, por meio do cineclubes (e do cinema), podem potencializar a produção de currículos inventivos que atravessam processos de *aprenderensinar* e afetam àqueles/as que compõem o cotidiano escolar.

## **O CINECLUBE COMO ESPAÇOTEMPO QUE MOVIMENTA O PENSAMENTO**

Por que, acompanhar as práticas de um cineclubes? Como o uso de filmes pode disparar conversações? Estas questões vêm no corolário de processos que tem trazido à tona as redes de *conhecimentossignificações* de discentes e docentes, onde os usos de filmes, como tática desviacionista para movimentar o pensamento nas redes de *conhecimentossignificações*, compondo *espaçotempos* potentes de tessituras curriculares.

Os cineclubes constituem-se como uma série de movimentos autônomos, organizado por coletivos pessoas, interessadas por cinema, propondo mostras fílmicas, gratuitas, com filmes muitas vezes nacionais, locais, fora da lógica *hollywoodiana*, seguidos de debates. O cineclubista é *opraticantepensante* que aposta na subversão da “ordem” de produção e distribuição cinematográfica “imposta”. Esses movimentos nos auxiliam a *fazerpensar* outros possíveis para os usos dos filmes nas escolas com os processos de *aprenderensinar*. Os cineclubes são, portanto, lugar privilegiado de problematizações, constituídos, tecidos na coletividade, disparador de conversas, mobilizador de *conhecimentos significações* e,

É a garantia desses *espaçotempos* de troca e potência que nos deixa bastante otimistas quanto à possibilidade da tessitura dos currículos em redes nos cotidianos a partir do cineclubes. Ou seja, adolescentes matriculados em diferentes séries do ensino médio, reunidos e conversando enredados por fios das tantas redes que compõem seus cotidianos: as provocações do filme, os conteúdos, as disciplinas estudadas na escola, os coletivos *dentrofora* da escola, a família, etc (CAZÉ, 2015, p. 96).

Por meio dos usos do cinema os estudantes e professores agenciam novas formas de *aprenderensinar* compondo outras maneiras de *serfazerpensar* o cotidiano escolar, pois as exibições fílmicas com cineclubes possibilitam o deslocamento, a desterritorialização de paradigmas que cristalizados apequenam a escola em sua potência expansiva. Apoiados em Carvalho (2009), “pensamos o currículo como redes de conversações e ações complexas, que ocorrem atravessando diferentes protagonistas da ação educativa curricular” (CARVALHO, 2009, p. 187).

Nesse sentido, buscamos trazer as tessituras curriculares no/do/com cotidiano escolar de uma escola de ensino médio da rede pública estadual a partir das exposições fílmicas com cineclubes. Para isso é fundamental não um olhar distante, enviesado, daquele que fala de fora, de maneira imparcial, mas como ensina Alves (2001), é preciso falar de dentro do lugar dos afetos, ir além daquilo que outros já viram e muito mais, mergulhar inteiramente em uma determinada realidade.

Isso se faz necessário, pois compreendemos que, “é nessa complexidade dos saberes-fazer cotidianos que são inventados e compartilhados múltiplos sentidos para a educação, para as escolas e para os conhecimentos” (FERRAÇO e GOMES, 2013 p. 464). Assim, nos deixamos tocar pelas coisas e fomos mapeando e problematizando as narrativas disparadas nos entrecruzamentos das redes de conversações. Não houve, porém, a pretensão de nesse “mapear”

abarcar tudo, ou enclausurar a vida, mas trazer um olhar, “[...] no qual as singularidades não anulem a multiplicidade e, fundamentalmente, a potência das vozes e da inventividade, sabendo que sempre haverá ilhas desconhecidas a descobrir” (CARVALHO e FERRAÇO, 2012, p.4).

### TECENDO CONVERSAS COM O CURTA-METRAGEM “DENTRO DE CASA”

Os cineclubistas e eu, chegamos à escola pelo menos uma hora antes da sessão, todos apreensivos e ansiosos pelo encontro. Mesmo que houvesse sido planejado o *script*, medos, fios de tensões atravessavam nossos corpos. Ao passo que íamos organizando cadeiras, meio que em um semicírculo, preparando o projetor, som, as incertezas nos percorriam, as dúvidas rebuliam, - *será que a turma vai participar?* - *Será que vai ser bom?* Eis que o sinal bate e nos prostramos a aguardar os demais estudantes e professores convidados a assistir conosco ao curta-metragem.

Os alunos se achegavam, iam ocupando as cadeiras de trás, dos lados, de maneira rizomática iam compondo e estabelecendo novos arranjos ao semicírculo que havia sido orquestrado por nós. O espaço cedido pela escola para a exibição é o mesmo onde acontecem as aulas de reforço do contra turno. O lugar é o mesmo, mas os “usos”, como nos lembra Certeau (1994), são outros.

O curta-metragem “Dentro de casa” narra a história de um relacionamento abusivo, onde o marido utilizando-se de uma série de estratégias de violências psicológicas faz com que a esposa fique reclusa em casa, sem poder comungar da vida social com suas amigas, enquanto ele vivia a vadiar pelas noites. Além do enclausuramento imposto a mulher, ele com frequência a desqualificava, depreciava, menosprezava, destacando o adjetivo doida, atribuído diversas vezes à personagem pelo homem. Nesse caminho, a história parecia que teria um desfecho trágico ou dramático, porém, acaba ganhando ares gloriosos quando a mulher, após ler um livro de Simone de Beauvoir - emprestados por uma amiga -, mobiliza forças para se rebelar diante daquilo que diuturnamente lhe afligia, destruindo sua vida, rompendo o relacionamento com o marido, e de maneira triunfal o abandona, como numa linha de fuga desestabiliza e cria novas possibilidades de percursos.

O curta foi escolhido por conta da semana do Dia Internacional da Mulher da relevância de discutir temas transversais que percorrem e atravessam o “ser mulher na escola, nos cotidianos”. Após o término do curta-metragem, problematizações foram lançadas no sentido de produzir fluxos e forças intensivas para *fazerpensar* a escola, as práticas cotidianas dos estudantes e professores naquele *espaçotempo* de proliferação de vozes e sentidos múltiplos.

Os organizadores do cineclubes trouxeram dados para apresentar a realidade estatística brasileira e *parafazerpensar* com os demais um paralelo de problemáticas que tencionam o cotidiano das inúmeras redes educativas as quais transitam, as mulheres. Temas como a misoginia, as políticas de proteção a mulher, a violência doméstica, a desigualdade de gênero, o assédio, foram bastante comentados na roda de conversa.

*Estudante A: Tem mulher que nunca ouviu falar sobre isso. Lei Maria da Penha?! Ela está tão acostumada que não sabe. No passado era muito normal essa violência. Existem muitas mulheres que denunciam, mas não é só a questão de denunciar, é a educação do homem.*

*Estudante B: As políticas de proteção a mulher, a lei Maria da Penha não protegem a mulher. O cara bate na mulher e não acontece nada.*

*Estudante C: Aí depois é solto e mata logo (riso).*

*Estudante D: Acontece muito e não só aqui no Brasil, mas em muitos países e não é engraçado! Tem alguns meninos que estão rindo, mas isso não é engraçado, são temas sérios que afetam as mulheres. A lei maria da penha é importante por que até então não havia nenhuma, a mulher estava desprotegida. Foi uma iniciativa mas tem que melhorar muito.*

*Professora A: Como professora me incomoda muito algumas brincadeiras feitas por alguns, e isso é sério! Piadinhas nos corredores. Que as vezes a gente não tem nem ânimo de discutir, de chamar atenção.*

*Professora B: muitas mulheres não saem de casa mesmo diante da violência por que são dependentes do marido, o marido que paga comida, tudo. A mulher tem que se colocar, tem que estudar, a mulher tem que se impor. Eu ensino meu filho a respeitar as meninas.*

Sublinhamos alguns trechos que nos afetam nas conversas engendradas. Duas falas que se opõem, na primeira destaca-se o riso diante de uma situação dramática que afeta muitas mulheres no país. Na seguinte, uma rápida interpelação de uma estudante que não deixa a fala disparada passar despercebida, como se ninguém tivesse ouvido, por mais perversa que aquela fala pudesse representar, ela a considera manifestando que “*não é engraçado*” uma mulher ser assassinada e que apesar dos percalços das políticas públicas elas precisam ser aperfeiçoadas e não abandonadas.

Esta estudante, também nos põe a pensar nossa prática enquanto professores e estudantes no cotidiano escolar. Como reagimos as “piadinhas”? Deixamos passar despercebidas - como na fala da professora “*as vezes a gente não tem nem ânimo de discutir*”? Ou buscamos problematizá-las, desnaturalizá-las, para que possamos *pensarcriar* uma realidade menos morta - como diz o poeta e uma escola mais viva, generosa e solidária.

E as conversas continuaram numa espiral crescente, potente e incontrolável. Discutindo desde o direito de se vestir da maneira que lhe convir, ao assédio, os padrões...

*Estudante E: No filme que a gente viu, o homem prende a mulher dentro de casa e não deixava ela sair. Ela tem que ter o direito de sair, de viver. A mulher é livre! Alguns homens acham que estão acima das mulheres.*

*Estudante F: Mas mulher tem que saber se vestir, está com calor é só colocar uma blusa mais fina.*

*Estudante G: Ele falou que existem blusas finas para as meninas no calor, mas também existem roupas finas para os homens. As*

vezes deixamos de ir a alguns lugares por causa de vocês.

Estudante H: *Elas estão julgando demais os homens.*

No caminhar das múltiplas teias de diálogos tecidos, atravessados, engendrados, problematizados, já num final de conversa, ao serem questionados sobre como esta oficina auxiliaria a pensar o cotidiano escolar, alguns estudantes colocam.

Estudante I: *Essa oficina tratou de assuntos muito importantes e presentes na sociedade, e que infelizmente não ganham a atenção necessária. Eu achei que a oficina foi necessária para esclarecer o mundo feminino na cabeça dos meninos, pois eles não param para pensar no assunto, como que as "piadinhas" de cotidiano deles nos afetam, e que sem querer apenas um olhar já nos deixam constrangidos.*

Estudante J: *A oficina foi necessária para fazer os meninos pensarem e refletirem sobre como que as ações deles nos afetam. Me fez pensar que podemos nos expressar e falar de assuntos que ocorrem muito na sociedade.*

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE O QUE AINDA NOS MOVE/PERCORRE/AFETA/MOBILIZA**

Chegamos ao cabo das conversas instigados pensando nas imagens "clichês" e na potência do cineclube (e do cinema) para problematizar esquemas "sensório-motores" (DELEUZE, 2005) de reconhecimento automático, buscando criar possibilidades outras para,

Potencializar processos de aprender-ensinar que impliquem reflexão e criação, remar contra a maré homogeneizante dos clichês, do engessamento da potência criadora de alunos e professores, pois produzir diferença é criar possibilidades de fluxos de pensamento, tirá-lo do repouso (CARVALHO e SILVA, 2014, p. 90).

Assim, com as imagens "clichês", ao contrário de aceitá-las nos pusemos a problematizá-las buscando agir, reagir aos mecanismos que empobrecem, apequenam ou limitam os processos de *aprenderensinar* a vida, uma vez que enquadram, engessam os *saberesfazeres* cotidianos.

Portanto, será que a escola não tem muito a aprender com as provocações reverberadas nas conversas com cineclube? Acreditamos que sim, os cineclubes se justificam para além da divulgação da obra cinematográfica, pois compõem importantes momentos formativos de criação/invenção/proliferação do pensamento com estudantes e professores, logo, de tessituras curriculares. A experiência com cineclube tem mostrado a potência dessas redes de *conhecimentossignificações* nesse *espaçotempo* dialógico, colaborativo, subversivo, democrático, político, poético, formativo, transformador, e...e...e...

## **Referências Bibliográficas**

ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas logicas das redes cotidianas.** In OLIVEIRA, Inês Barbosa de e ALVES, Nilda. Pesquisa no/do cotidiano das escolas sobre redes de saberes. Rio de Janeiro. DP&A, p.13-38. 2001.

BARROS LP, KASTRUP V. **Cartografar é acompanhar processos.** In: Passos E, Kastrup V, Escóssia L. org. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1ª ed. Porto Alegre: Editora: Sulina, 2015

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos.** Petrópolis/RJ: DP et Alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

CARVALHO, Janete Magalhães, FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Currículo, cotidiano e conversações.** Revista e-curriculum, São Paulo, v. 8, n° 2, agosto, 2012.

CARVALHO, Janete Magalhães, SILVA, Sandra Kretli da. **O cinema como linguagem potencializadora dos processos de aprender-ensinar.** Leitura: Teoria & Prática, Campinas, v. 32, n. 63, p. 77-91, dez 2014.

CAZÉ, Bárbara Maia Cerqueira. **Os usos e os atravessamentos do cineclube (e do cinema) na tessitura dos currículos em redes nos cotidianos.** 2015. 127 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano – artes de fazer** (vol. 1) Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles.. **A imagem-tempo.** São Paulo: Brasiliense, 2005 (Cinema 2).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI; Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire. **Diálogos.** Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. Editora Escuta, 1998, ed. 1, SP.

FERRAÇO, Carlos Eduardo, GOMES, Maria Regina Lopes Gomes. **Sobre as redes que tecem práticas políticas cotidianas de currículo e de formação de professores.** Currículo sem Fronteiras, v.13, n.3, p. 464-477. Set./dez. 2013.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Trad. João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação. Ed. 2002.

